

**PARA ALÉM DO ANTROPOCENTRISMO NAS
HUMANIDADES: A VIRADA HIDROLÓGICA**

**BEYOND ANTHROPOCENTRISM IN
HUMANITIES: THE HYDROLOGICAL TURN**

André Vasques Vital*

CHEN, Cecilia; MACLEOD, Janine; NEIMANIS, Astrida (Orgs.). *Thinking with Water*. Montreal; Kingston; London; Ithaca: McGill-Queen's University Press, 2013. 351 p.

A coletânea *Thinking with Water* é resultante do workshop de mesmo nome realizado em junho de 2010, com suporte do Department of Communication Studies da Concordia University em Montreal, no Canadá. Foi organizada por Cecilia Chen, doutoranda em Comunicação pela Concordia University, Janine Macleod, doutoranda em estudos ambientais na York University e Astrida Neimanis, pesquisadora afiliada aos Estudos de Gênero da Linköping University, na Suécia. Trata-se de um esforço multidisciplinar visando analisar as possibilidades e limitações de pensar com a água em sua materialidade, o que, na prática, promove uma crítica à lógica antropocêntrica que entende “água” como elemento passivo ou “recurso”. Dialogando com autores identificados com o pós-humanismo crítico, como Bruno Latour e Donna Haraway, e também autores ligados ao *subaltern studies*, como Gayatri Spivak e Dipesh Chakrabarty, os vinte capítulos da coletânea entendem a água enquanto agente e espaço privilegiado de diálogo e interconexão entre comunidades humanas e mais-que-humanas.

* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde (PPGHCS), Casa de Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Bolsista FAPERJ.
E-mail: vasques_hist@yahoo.com.br

A água também emerge nos trabalhos como linguagem e metáfora material que possibilita uma ontologia relacional, onde a noção de agencia é compartilhada entre humanos e mais-que-humanos, dissolvendo também outras dicotomias enraizadas no pensamento moderno. Natureza-cultura, masculino-feminino, conhecimento científico-conhecimento tradicional e outras, engendrariam, segundo os autores, formas simbólicas e materiais de dominação/colonização, dificultando uma ética relacional pautada na alteridade. Assim, especialistas nas áreas de comunicação, história, antropologia, artes e outros, propõem uma mudança ontológica nas humanidades rumo a uma teoria eco-cultural.

Performances artísticas, poemas, ensaios teóricos e estudos de casos misturam-se na organização da obra apontando para uma diluição de fronteiras entre práticas distintas de conhecimento, escrita e representação. Essa resenha opta por separar os capítulos nessas quatro categorias de modo a facilitar a apresentação e crítica do livro.

Os ensaios teóricos da coletânea propõem formas de pensar as humanidades mobilizando perspectivas de diversas áreas do conhecimento e as propriedades físicas de corpos de água por meio de exemplos. É o caso do capítulo “Water and Gestationality: What Flows Beneath Ethics” de Mielle Chandler e Astrida Neimanis, que analisa criticamente as idéias de Emmanuel Lévinas e Gilles Deleuze, à luz da capacidade material criadora das “águas gestacionais”. Para as autoras, a reformulação da noção feminista de “águas gestacionais” auxilia na conformação de uma nova sociabilidade material e compreensão ética que reconheça a pluralidade humana e a sua conexão e dependência para com as águas. Identidade nacional, escassez de água e o privilégio do “local” nos estudos ambientais é o tema central de “River-Adaptiveness in a Globalized World” de Andrew Biro, onde são analisados os limites da tese de “sociedade hidráulica” de Donald Worster e Karl Wittfogel. Por meio de uma visão sócio-ecológica situada da construção da identidade nacional canadense, Biro argumenta que os rios e bacias hidrográficas não são estáticos e passivos, mas transformam e são transformados pelos humanos ao longo do tempo.

Ainda relativo aos ensaios, em “Conceptual Relations: Water, Ideologies, and Theoretical Subversions”, a antropóloga Verônica Strang analisa como humanos e águas estão profundamente interconectados por meio da relação entre comunidades indígenas, fazendeiros, turistas e rios na Austrália. Já em “Untapping Watershed Mind”, Dorothy Christian (cineasta e representante das nações indígenas Okanagan-Secwepemc do Canadá) e Rita Wong apresentam duas narrativas entrecruzadas sobre suas percepções e experiências de vida com as águas, onde similaridades, diferenças e o respeito emergem na reflexão intercultural. Encerrando a coletânea, “Mapping Waters: Thinking with Watery Places”, de Cecília Chen, propõe uma forma colaborativa de mapeamento,

negociando com as múltiplas vozes presentes no espaço em um processo heurístico que abrange os mais-que-humanos enquanto agentes ativos dos fluxos, criações e transformações locais.

Os estudos de caso são relevantes por apresentarem, na prática, análises que adotam o “pensar com as águas” ou com os mais-que-humanos. Janine Macleod, dos estudos de comunicação, analisa em “Water and the Material Imagination” a materialidade dos contrastes existentes na água enquanto metáfora nas noções de “profundidade do passado” e “fluxo do capital” a partir dos conceitos de tempo, espaço e memória nas principais obras modernistas de Virginia Woolf e Marcel Proust. Já a historiadora Jennifer Spiegel em “Subterranean Flows: Water Contamination and The Politics of Invisibility”, analisa os dramáticos desdobramentos materiais, políticos e sociais do Desastre de Bhopal, na Índia em 1984. Enfatizando em sua análise a inter-relação entre processos bioquímicos, representacionais e do Capital transnacional a autora expõe as dificuldades de reconhecimento das atuais vítimas do vazamento de gás tóxico e da contaminação das águas subterrâneas por resíduos químicos ainda presentes no solo.

A histórica relevância do conhecimento dos povos indígenas do Ártico sobre as baleias e da comunicação entre esses nativos e os animais marinhos para combater a poluição sonora nos oceanos é analisada no artigo de Shirley Roburn “Sounding a Sea-Change: Acoustic Ecology and Artic Ocean Governance”. Guardando relação com o artigo de Roburn, Stacy Alaimo, no capítulo “Jellyfish Science, Jellyfish Aesthetics: Posthuman Reconfigurations of Sensible”, analisa a experiência estética histórica e contemporânea com as águas vivas, propondo um afastamento das formas antropocêntricas de conhecimento, para fomentar uma ética de alteridade em relação aos seres radicalmente distintos do humano. O historiador Max Haiven em “The Dammed of the Earth: Reading the Mega-Dam for the Political Unconscious of Globalization” investiga como as mega barragens são geradas e geram complexas formas de violência ecológica, epistêmica, social, política e econômica, além do seu papel no inconsciente político a partir de cenas de rompimento de barragens em filmes clássicos hollywoodianos, como em *Superman* (1978) e *Senhor dos Anéis – As duas Torres* (2002). Já Peter van Wyck, em “Footbridge at Atwater”, analisa a história e memória do Canal de Lachine, no Canadá, a partir de um inventário corográfico de trinta e dois locais contaminados com resíduos tóxicos.

Os poemas seguem características similares aos ensaios e estudos de caso. “Generation, Generations at the Mouth”, de Daphne Marlatt, inspirada na foz do rio Fraser, na Columbia Britânica, expõe como as águas guardam um complexo registro do passado e proporcionam infinitas interações entre coisas e eventos no tempo. Jeannette Armstrong descentraliza o humano enquanto sujeito ao pensar a materialidade da água em seu poema “Water is Siwlkw”. A falta de pontuações no poema de Armstrong reflete o movimento material das

águas e sua onipresença, evidenciando as complexas conexões a nível planetário entre criaturas, lugares e matérias de diferentes composições que estão em contínuo e caótico movimento. Melanie Siebert em “Alsek Lake” chama a atenção para o rio Tatshenshini, na Columbia Britânica, Canadá, questionando a visão de passividade imputada ao rio pela modernidade, enfatizando sua força material no tempo e espaço. Adam Dickinson aborda em “Erradics” a infinita capacidade de mutação das águas e como essas metamorfoses passam despercebidas no cotidiano humano. Por último, Don McKay em “Pond”, enfatiza a diferença e multiplicidade a partir de uma visão fenomenológica radical do mito de Narciso, onde a lagoa de Eco, com todos os elementos que a compõem, emerge como sujeito ativo no espaço.

Os capítulos relativos a performances artísticas informam iniciativas que visam provocar percepções, sentimentos e pensamentos sobre a coexistência entre humanos e mais-que-humanos. Na montagem de som e vídeos “Water Drawing” de Rae Staseson, o espectador é encorajado a refletir sobre fronteiras conceituais a partir da mutabilidade material da água. Já o ciclo audiovisual “Light, Sweet, Cold, Dark, Crude (LSCDC)” do grupo *AElab* convida a reflexão sobre a habilidade dos organismos em se auto-organizar, co-evoluir e interconectar em torno das águas residuais, além do poder transformador da ação integrada entre humanos, máquinas, plantas e animais. Já a artista plástica Sarah Renshaw a partir de imagens, trechos do livro “Matter and Memory” do filósofo Henri Bergson e água, demonstra a fluidez da relação entre memória e esquecimento na materialidade do estado sólido (retendo memória) e no estado líquido (desfazendo-a). A também artista Emily Rose Michaud detalha a apresentação de rua “Taste the \$ource (While Supplies Last)”, onde ela oferece aos transeuntes diversas amostras de águas de rios próximos como mercadoria, fomentando o pensamento social e político sobre os mananciais de água.

Os capítulos da coletânea exploram bem, e de forma muito integrada, as possibilidades analíticas de agregar os que geralmente são privados de voz no pensamento moderno (sejam animais, plantas, águas, índios, entre outros). A obra tem êxito ao trazer para as análises as características materiais da água, o que corresponde, grosso modo, a forma como esse agente intervém, transforma o espaço e se comunica. Pela originalidade na abordagem, pela relevância das análises que colocam em prática uma visão relacional que transpõe o binômio natureza-cultura e pelo fôlego, organização e excelente integração dos capítulos, a obra torna-se especialmente relevante para especialistas que se interessam na possibilidade de renovação ontológica nas humanidades.

Resenha recebida em dezembro de 2013. Aceita em dezembro de 2013.